

# REVISTA DE GVIMARÃES

publicação da sociedade martins sarmento

Volumes 126/127

GUIMARÃES  
2018

# Citânia de Briteiros. Notícia dos trabalhos arqueológicos de 2016

---

Gonçalo Cruz e José Antunes<sup>1</sup>

## Resumo

O presente trabalho integra uma descrição dos trabalhos arqueológicos realizados na Citânia de Briteiros nos meses de Julho, Outubro e Novembro de 2016. Consistiu a campanha deste ano na intervenção realizada no Balneário Este da Citânia, com escavação que abrangeu espaços interiores e exteriores da estrutura de banhos, e restauro de alguns dos muros que se conservam do balneário, parcialmente destruídos por um saque furtivo ocorrido em 2014. Integraram também esta campanha alguns trabalhos complementares, como a manutenção do Balneário Sul, a reposição de um lajeado retirado em 2009 aquando das escavações na "Casa de Auscus", a inventariação de elementos pétreos avulsos existentes junto à receção da Citânia e uma campanha de desmatação de acácias promovida no sector nordeste da Citânia.

**Palavras-chave:** Citânia de Briteiros; Balneário Este; Pedra Formosa; Acácias.

A campanha de trabalhos arqueológicos realizada no mês de Julho de 2016, na Citânia de Briteiros, com a colaboração da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, desdobrou-se em diferentes trabalhos arqueológicos que incidiram, principalmente, sobre uma estrutura balnear que denominamos de “Balneário Este”. A campanha incluiu também trabalhos de manutenção em pontos diversos do monumento (Figura 1). Os trabalhos tiveram lugar entre os dias 4 e 29 de Julho. No entanto, o facto

---

<sup>1</sup> Sociedade Martins Sarmento, Laboratório de Paisagens, Património e Território da Universidade do Minho - Lab2pt (goncalo.cruz@msarmento.org, jose.antunes@msarmento.org.)



**Fig. 1** – Localização das áreas de intervenção: Balneário Sul (em baixo, à esquerda); Balneário Este (em cima, à direita); “Casa de Auscus” (quadrado ao centro); Zona de desmatamento de acácias (quadrado maior, junto ao Balneário Este).

de não se terem terminado os trabalhos de escavação no Balneário Este, levou a que se retomasse a escavação em Outubro. As más condições climatéricas não permitiram terminar a escavação, tendo sido possível apenas a presença em campo nos dias 10, 11 e 14 de Outubro de 2016.

A direção destes trabalhos é da responsabilidade dos arqueólogos Gonçalo Cruz, signatário deste trabalho, e Manuela Martins, da Universidade do Minho. A equipa que esteve permanentemente no terreno integrou um dos arqueólogos responsáveis,

Gonçalo Cruz, o assistente de arqueólogo José Antunes, e sete estudantes da Licenciatura em Arqueologia da Universidade do Minho, nomeadamente os alunos Bruna Rocha, Cláudia Vieira, David Abreu, Abílio Tinoco, Ana Mendonça, Andréa Arantes e Gonçalo Pimenta. Os trabalhos de restauro realizados contaram com o acompanhamento e assessoria de Patrícia Aguiar, conservadora/restauradora da Sociedade Martins Sarmento.

## 1. Trabalhos de escavação e de restauro no Balneário Este

Tinha sido realizada em 2006 uma intervenção de limpeza no Balneário Este da Citânia de Briteiros que confirmou a interpretação daquela estrutura como um balneário "castrejo" e possível localização original da Pedra Formosa de Briteiros (Lemos *et al.*, 2008), no seguimento da ideia colocada por Mário Cardozo (1935). No entanto, em Julho de 2014, foi cometido um saque no que resta da estrutura do balneário, nomeadamente nos alçados do que seria o átrio, facilitado pela proximidade do conjunto ao troço da Estrada Nacional 309. Esta destruição foi comunicada pela SMS à Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) e às autoridades policiais, processo entretanto arquivado pela Polícia Judiciária. O impacto da destruição, sobretudo no alçado Oeste do átrio, colocou em risco a conservação do conjunto, devido à possibilidade de ocorrência de deslizamento das terras que este muro suportava, bem como a desestabilização do traçado da segunda muralha, que passa muito perto da estrutura do balneário.

Posto isto, a nova intervenção realizada no Balneário Este, teve como objetivo fulcral o restauro deste muro, como medida preventiva, mais do que estética, uma vez que o conjunto está fora da área visitável da Citânia.

Aproveitando esta intervenção, foram realizados trabalhos de escavação, procurando novos dados cronológicos e funcionais, posto que a intervenção de 2006 não implicou qualquer trabalho de decapagem, mas apenas de registo do edificado. Tinha sido prevista a realização de duas sondagens: uma na área que seria o limite do edifício, entre a câmara e a antecâmara, abrangendo



**Fig. 2** – Levantamento das estruturas conservadas do Balneário Este (2006), com marcação da sondagem BE01.

área exterior, de alicerce; outra no enchimento de terras suportadas pelo alçado Oeste do pátio para facilitar o restauro do muro. No entanto, concluiu-se rapidamente, por um lado, que era possível fazer o restauro sem escavar no enchimento de terras suportadas, porque o muro tem uma espessa camada de enrocamento lateral, que continuava a segurar o enchimento de terras, sendo possível refazer a parte saqueada da parede sem mexer no enchimento. Por outro, a escavação do enchimento de terras teria sido perigosa para os elementos da equipa, além de tecnicamente complicada devido à inclinação. Posto isto, optou-se por abrir apenas uma sondagem, designada como BE01 (Figura 2), com 2,5 x 5m, abrangendo uma parte interior do edifício (câmara e antecâmara), e uma área que seria exterior.

Os trabalhos de conservação limitaram-se aos muros saqueados em 2014, os alçados Sul, Oeste e Norte do átrio do balneário.

### **1.1. Restauro de paramentos saqueados**

Os trabalhos de restauro obedeceram, como referimos, à necessidade de conservação dos elementos originais, mais do que ao aspeto visual do conjunto. Podemos inclusivamente considerar o restauro como de pouca qualidade, do ponto de vista construtivo, posto que não se removeram agentes biológicos, não se aplicaram consolidantes nas secções originais e não se usaram argamassas nos trechos restaurados. Pretendeu-se apenas a colocação de um nível de desgaste que proteja a construção original, que restou de sucessivas destruições ao longo do tempo. Como resultado, o aparelho das secções restauradas



**Fig. 3** – Reposição de elementos pétreos nos paramentos saqueados do Balneário Este.

não tem a mesma estética dos muros originais, além de ter sido feito com pedras de menor dimensão (Figura 3).

O procedimento utilizado foi o seguinte:

- a) Recolha de elementos pétreos de pequena dimensão numa acumulação de pedras resultante de uma campanha de escavações dirigida por Mário Cardozo, na década de 1950, localizado a poucos metros do balneário, no interior da segunda muralha. Estes elementos foram utilizados na reconstrução das partes saqueadas;
- b) Limpeza dos muros saqueados, com ferramentas leves;
- c) Colocação de uma manta geotêxtil para marcar as secções restauradas;
- d) Recolocação de elementos nas partes saqueadas dos alçados Sul, Oeste e Norte.

Neste último alçado, do qual restavam em 2006, apenas dois elementos, um dos quais saqueado em 2014, foi reposta apenas



Fig. 4 – Perspetiva dos vestígios do Balneário Este no final da intervenção de 2016.

uma pedra. O alçado Oeste, que foi mais destruído, foi alvo de um restauro maior. As pedras colocadas foram calçadas com pedras mais pequenas, visíveis nas juntas, sendo colocada terra e cascalho no miolo do muro.

O resultado final conferiu um aspeto homogéneo ao conjunto (Figura 4) e permite a conservação das paredes originais. Sendo previsível um progressivo disfarce das secções restauradas, pelo aparecimento de uma pátina natural, as partes reconstruídas estão devidamente marcadas, além dos registos realizados. Todos os alçados do Balneário Este foram registados em fotografia e em desenho à escala, na campanha de 2006.

Obedecendo a um critério de reversibilidade, as secções restauradas podem ser substituídas por um aparelho de melhor qualidade, ou por outra solução de restauro, caso surja a possibilidade de, futuramente, integrar este conjunto no circuito de visita à Cítania.

## 1.2. Análise estratigráfica e resultados da sondagem

A sondagem BE01 abrangeu, como referimos, parte das áreas interior e exterior do balneário, pese embora a localização exata da

parede limite da câmara e da antecâmara seja difícil de aferir, uma vez que esta parede, ao contrário da parede do átrio e do muro em forma de abside que formava a fornalha, foi completamente saqueada. Pretendeu-se portanto detetar vestígios do alinhamento original da parede Oeste, do posicionamento da Pedra Formosa, bem como registar níveis arqueológicos que pudessem documentar a construção do balneário.

O Balneário Este tem duas grandes destruições documentadas. A primeira terá ocorrido nos finais do século XVII, quando o Abade de Santo Estevão de Briteiros, José Inácio de Carvalho, terá mandado recolher a Pedra Formosa, e outros elementos arquitetónicos do edifício, para a sua quinta no lugar conhecido como Poço da Ola (Craesbeck, 1992). A segunda ocorreu em 1932, no decorrer das obras de construção da estrada (Cardozo, 1935), num momento em que o edifício original estaria já muito destruído, sendo o átrio e a fornalha os pontos em melhor estado de conservação, que foram cortados a meio. Mas além do corte longitudinal, verificou-se ter ocorrido, também em 1932, a abertura de uma saibreira, bastante visível no local do balneário, formando uma cratera. Estes trabalhos, também documentados noutros pontos ao longo do traçado da estrada, tinham como objetivo a extração de saibro, utilizado na preparação da estrada. Corresponderão portanto a estes dois momentos de saque, dois fenómenos subsequentes de abatimento natural de terras sobre os vestígios que se conservam do balneário, como explicaremos adiante.

Detetaram-se os seguintes contextos, em sentido inverso à ordem cronológica:

**Contextos atribuíveis ao século XX** - Os derrubes de pedras e saibro, incluindo um elemento pétreo de grandes dimensões, são contextos formados no século XX por abatimento subsequente à destruição de 1932 (Figura 5). Como ainda hoje se pode verificar, a saibreira não abateu muito desde a sua abertura, há mais de 80 anos, pelo que a acumulação verificada neste contexto é reduzida. Pode considerar-se como um enchimento de um corte, cujos limites ultrapassam a área da sondagem e que correspondem à cratera formada

para extração de saibro. Não se recolheu espólio nestes contextos.

**Contextos posteriores ao século XVII** - Os contextos registados sob os derrubes acima referidos, são enchimentos subsequentes (Figura 6) ao que consideramos ter sido o saque verificado no século XVII. A dada altura, a configuração do corte sugeriu poder tratar-se da vala de fundação original do balneário. No entanto, a identificação de um elemento fragmentado, que terá integrado uma das paredes do balneário, deposto no enchimento, não levanta muitas dúvidas quanto à cronologia de formação destes contextos, posterior à primeira destruição do edifício. A recolha de uma pequena verga de ferro moderno nesse contexto também aponta para esta probabilidade. Como é natural, os materiais cerâmicos recolhidos nestas camadas são antigos, embora não datem estes estratos, formados muito posteriormente. Embora correspondam à mesma atividade estratigráfica são camadas diferentes, ora formadas por saibro, ora por terra escura, sendo mesmo uma delas um nível de incêndio.



Fig. 5 – Fotografia do plano 1 da sondagem BE01.



Fig. 6 – Fotografia do plano 2 da sondagem BE01.

**Contextos arqueológicos** - Correspondente ao período de construção do balneário, foram identificadas as seguintes entidades estratigráficas:

- (a) O enrocamento e a argamassa que integram o alicerce do balneário. Terão sido utilizadas como enchimento de uma vala de fundação, após a construção da parede Oeste do balneário, hoje inexistente (Figura 7). O enrocamento das paredes do balneário foi apenas parcialmente retirado na campanha de 2016;



Fig. 7 – Fotografia do plano 3 da sondagem BE01.

- (b) O contexto visível no plano de decapagem desde o início, constitui o que resta do pavimento original interior em pedra, formado por grandes lajes afeiçãoadas a pingo;

- (c) Um contexto sedimentar (não escavado nesta campanha) que tanto pode ser um nível de revolvimento contemporâneo da destruição do balneário, como, mais provavelmente, um enchimento de regularização anterior à colocação das lajes do pavimento interior;
- (d) Finalmente, um alinhamento regular de pedras (Figura 8) que corresponderá ao traçado da parede Oeste do balneário. Ou seja, era o suporte pétreo sobre o qual assentavam as grandes pedras afeiçãoadas que formavam a parede da câmara. Este contexto foi a conclusão mais relevante da sondagem, permitindo localizar o traçado da parede original.



**Fig. 8** – Pormenor do alinhamento da parede Oeste da câmara do balneário, no plano 3 da sondagem BEO1.

Há ainda a acrescentar o facto de uma das pedras até agora consideradas como parte do pavimento original, poder ser na verdade um elemento da cobertura que terá caído no interior, aquando da destruição do edifício. As razões que nos levaram a considerar esta possibilidade foi o facto de esta laje não estar regularizada como as restantes, mostrando uma superfície que claramente não foi acabada, tal como acontece com os elementos da cobertura do Balneário Sul, que não eram acabados do lado de fora, porque parcialmente soterrados. Além disso, nota-se neste elemento um

característico sulco, que também existe nos elementos da cobertura do Balneário Sul, que pode ter sido usado para firmar uma corda ou correia, através da qual se içavam estas pedras. Além disto, uma das extremidades deste elemento está nitidamente partida, no que se considerou, no início da escavação, como sendo outra pedra. Apenas a prossecução dos trabalhos poderá clarificar melhor este aspeto. Não se atribuiu ainda uma numeração estratigráfica distinta a este elemento, que sempre esteve visível, mas que se considerava parte do pavimento.

Entre as pedras que formam o enrocamento das paredes do balneário, parece distinguir-se um vão que pode corresponder ao encaixe da Pedra Formosa, e que está sensivelmente alinhado com a cavidade polida do pavimento no local onde estaria a porta da Pedra Formosa, bem como o sulco de encaixe desta estela, ambos identificados na limpeza de 2006. Mas também não se aprofundou a escavação neste ponto.

A escavação desta sondagem não foi finalizada. Os trabalhos foram retomados em Outubro deste mesmo ano, mas foram interrompidos pela deterioração das condições climáticas, como referimos.

### **1.3. Classificação dos materiais arqueológicos recolhidos na sondagem**

Como se depreende da descrição da estratigrafia na secção anterior, as camadas onde se recolheram materiais arqueológicos correspondem todas a enchimentos resultantes de escorrimento ou abatimento natural de terras sobre o corte feito para saquear os elementos do balneário. Este aspeto pode explicar a recolha de fragmentos de escória, que seriam improváveis em camadas associadas à construção e utilização do balneário, mas que estarão associados a atividades que teriam lugar na envolvente próxima do edifício.

Os materiais cerâmicos consistem essencialmente em fragmentos de olaria do final da Idade do Ferro (séculos II e I a.C.), feita a torno, sem decoração. Foram também recolhidos alguns fragmentos de cerâmica comum do período romano (século I d.C.), incluindo dois fragmentos com uma ligeira aguada exterior. Estas

peças não datam, contudo, a fundação e utilização do balneário, como vimos.

A pequena verga de ferro e o elemento fragmentado de silhar, recolhidos num contexto de enchimento de vala de saque, aconselham a datação destes estratos como posteriores à destruição que se terá verificado em finais do século XVII.

## 2. Trabalhos complementares

### 2.1. Limpeza do Balneário Sul

Os trabalhos realizados no Balneário Sul da Citânia consistiram fundamentalmente no corte da vegetação envolvente e limpeza dos pavimentos interiores da estrutura (Figura 9), que ficam periodicamente cobertos com sedimentos.

Este edifício de banhos é a estrutura melhor preservada dos dois que conhecemos na Citânia, e está integrada na área visitável do monumento. É também o balneário que preserva a sua Pedra Formosa *in situ*. A limpeza que foi prevista no pedido de autorização de trabalhos arqueológicos deve ser, na verdade, um trabalho periódico, que acabou por não se realizar em 2015, por não se terem feito trabalhos arqueológicos na Citânia de Briteiros nesse ano. A localização da estrutura, ao fundo de uma encosta, e tendo



Fig. 9 – Átrio do Balneário Sul, através da porta da Pedra Formosa, após a intervenção de limpeza em 2016.

a Estrada Nacional 309 a barrar o escoamento natural das águas pluviais, provoca a acumulação invernal de água no balneário, bem como terras arrastadas pelo enxurro.

A limpeza, realizada no dia 5 de Julho, foi feita manualmente, com ferramentas não agressivas, nomeadamente colherim, escovas moles e vassouras. As terras acumuladas foram removidas cuidadosamente e não se recolheram quaisquer materiais arqueológicos no decurso da limpeza. Na envolvente, a vegetação foi cortada através de moto-roçadura.

## **2.2. Reposição do lajeado da “Casa de *Auscvs*”**

A Unidade Habitacional 3, do Sector 7, conhecida como "Casa de *Auscvs*", no decurso da recolha de uma epígrafe latina com este nome, foi intervencionada nos meses de Julho dos anos 2008, 2009, 2010 e 2014. A primeira sondagem a ser aberta neste espaço, com a designação de 97T, já tinha sido aterrada em 2009. As duas restantes áreas escavadas, com as designações 97V e 99V não foram totalmente aterradas na campanha de 2014, ano em que foram finalizadas, para que se desse o abatimento natural das terras, pelo que esta operação se justificava para garantir a conservação das estruturas deste conjunto doméstico. Porém, além deste aspeto, o aterro da sondagem 97V implicava a reposição do lajeado detetado nesta sondagem ao nível do plano 4, o qual registou o pavimento original, e cujas pedras foram removidas na campanha de 2014 para decapagem dos níveis selados pelo lajeado. Os elementos do lajeado tinham sido numerados em 2014, e registada a disposição original das lajetas em desenho à escala 1:20cm. O desenho e a numeração orientaram assim a recolocação do lajeado sobre o aterro da sondagem arqueológica (Figuras 10 e 11). A sondagem 99V foi completamente entulhada, com terras provenientes da sua decapagem, e nivelado o aterro pela cota de circulação atual.

## **2.3. Inventariação de elementos arqueológicos dispersos**

Existe uma considerável quantidade de materiais arqueológicos pétreos que estavam dispersos na Citânia, e que nunca foram



**Fig. 10** – Trabalhos de reposição do lajeado da "Casa de Auscus".



**Fig. 11** – Aspeto do lajeado da "Casa de Auscus" após reposição das lajes retiradas.

recolhidos, nem musealizados. São peças encontradas em campanhas de escavação de Mário Cardozo, tendo sido algumas delas eventualmente ainda detetadas em campanhas de Martins Sarmiento.

Uma parte destas peças estavam dispostas no exterior do edifício de receção (anteriormente no exterior da antiga casa do guarda), outra parte estava no exterior das casas reconstruídas, na acrópole (anteriormente no interior da casa Sudoeste). São peças que nunca foram recolhidas porque ocupariam demasiado espaço nos museus. São ao todo 189 elementos em pedra, que incluem mós giratórias (dormentes e moventes, fragmentos na sua maioria), mós de vai-e-vem, prisões de gado, pias e outros elementos arquitetónicos. Desconhecemos a sua proveniência específica, porque foram recolhidas em escavações antigas.

Procedeu-se ao transporte das peças que se encontravam na acrópole, de modo a concentrar todo o conjunto junto à receção. Uma vez aqui, todas as peças foram limpas com escovas moles, numeradas, medidas e fotografadas. O procedimento passou por atribuir um número de "achado avulso", tendo-se elaborado uma lista geral que inclui todos estes elementos. Todas as peças foram então dispostas, separadas por tipos, na plataforma imediatamente abaixo do edifício de receção da Citânia.

#### **2.4. Desmatação de acácias**

A desmatação de uma área específica do monumento que se encontra povoada maioritariamente por *Acacia Dealbata* (mimosa) em 2016 foi uma iniciativa da Fraternidade Nuno Álvares/S. Dâmaso – Núcleo de Guimarães (Figura 12), que propôs esta atividade à Sociedade Martins Sarmiento. Existindo a boa vontade de proceder a uma ação de corte de vegetação invasora, a SMS sugeriu uma das duas frentes ocupadas por mimosa, correspondente às imediações do Balneário Este, onde se tinham realizado escavações no mesmo ano, sendo a outra zona a plataforma Sudoeste da Citânia, envolvida pela terceira muralha.

Além do corte de mimosa, outro critério utilizado para a seleção deste espaço foi o facto de a zona envolvente ao Balneário Este não ser habitualmente limpa nas ações anuais de desmatação reali-



Fig. 12 – Voluntários da Fraternidade Nuno Álvares cortando acácias em Outubro de 2016, na Citânia.

zadas no monumento, por se encontrar fora da área convencionada como visitável.

O terreno limpo abrange uma parcela delimitada exteriormente pela terceira muralha, abrangendo o troço da segunda muralha, não chegando à primeira (Figura 13). Não se conhecem outros elementos construídos nesta zona, além dos alinhamentos de muralha e dos restos da estrutura do Balneário Este, já perto da Estrada Nacional.

Estando localizada no interior da área classificada como Monumento Nacional, entendeu-se comunicar esta iniciativa à DGPC, tendo a ação, realizada num único dia (22 de Outubro de 2016), sido acompanhada pelos signatários deste documento, Gonçalo Cruz e José Antunes. A equipa do Núcleo de Guimarães da Fraternidade Nuno Álvares era formada por sete voluntários.

Não se recorreu a qualquer tipo de viatura, tendo sido efetuado o corte das mimosas com ferramentas manuais, e com motosserra em alguns casos. A desmatação limitou-se aos espécimes de mimosa, sendo mantidas todas as outras árvores encontradas, nomeadamente alguns sobreiros e carvalhos.



Fig. 13 – Um aspeto da área desmatada no sector Nordeste da Citânia.

Posto que a ação de desmatação não implicou qualquer afetação no solo ou no subsolo, o acompanhamento justificou-se mais para prever qualquer dano que pudesse resultar na estrutura das muralhas. Não se tendo observado o solo, que ficou coberto com a matéria lenhosa resultante do corte, não foram recolhidos quaisquer materiais arqueológicos.

A ação permite uma monitorização do crescimento da mimosa, bem como potenciar o desenvolvimento gradual das árvores autóctones, desimpedidas pelo corte das invasoras.

## Conclusão

Os trabalhos realizados na Citânia, no ano de 2016, abrangeram diferentes tarefas de estudo, inventariação e conservação, motivados por diferentes necessidades ou oportunidades que surgiram.

O aspeto mais fulcral, os trabalhos levados a cabo no Balneário Este, permitiram não só a conservação preventiva desta estrutura, mas também a obtenção de interessantes dados relacionados

com a construção do edifício. O facto de não se ter terminado a escavação da sondagem BE01, impõe a prossecução destes trabalhos, no sentido de clarificar os aspetos deixados em aberto, nomeadamente a cronologia fundacional do balneário, a extensão do saque ocorrido na Idade Moderna e as dimensões do edifício original.

Futuramente, além da necessidade de dar seguimento aos trabalhos de escavação arqueológica no Balneário Este, prevê-se também a continuação do estudo do urbanismo da Citânia, que possa conduzir ao estabelecimento de um faseamento mais concreto da evolução do povoamento neste *oppidum*.

Os signatários agradecem a colaboração de várias entidades na realização destes trabalhos, designadamente a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, o Município de Guimarães, a Casa do Povo de Briteiros, a Fraternidade Nuno Álvares/São Dâmaso – Núcleo de Guimarães, bem como a todos os estudantes e outros voluntários que colaboraram com a Sociedade Martins Sarmento na intervenção realizada.

## Bibliografia

- Cardozo, M. (1935). Possível identificação do primitivo local da “Pedra Formosa” na Citânia de Briteiros. *Revista de Guimarães* 45: 150-153.
- Craesbeck, F. (1992). *Memórias ressuscitadas da Província do Minho em 1726. Francisco Xavier da Serra Craesbeck*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto.
- Cruz, G. (2015). O surgimento do espaço urbano no Noroeste da Ibéria. Uma reflexão sobre os *oppida* pré-romanos, in Martínez Peñín e Cavero Domínguez (eds.) *Evolución de los espacios urbanos y sus territorios en el Noroeste de la Península Ibérica: 403-424*. León: Instituto de Estudios Medievales de la Universidad de León, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- González-Ruibal, A. (2006-07). *Galaicos. Poder y Comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C.-50 d.C.)* (Brigantium 18-19). A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico da Coruña.
- Lemos, F. e Cruz, G. (2011). *Citânia de Briteiros. Povoado Proto-histórico. The Proto-historical settlement*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

- Lemos, F. ; Cruz, G. e Fonte, J. (2008). *Estruturas de Banhos do território dos Bracari: Os casos de Briteiros e de Braga*. Férvedes: Revista de Investigación 5: 319-328.
- Martins, M. (1990). *O Povoamento Proto-histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Silva, A. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal.

